

KUHN, J. V. S. Resenha de *The Origins of Language: an introduction to evolutionary linguistics*, de Joanna Dornbierer-Stuart. *ReVEL*, v. 24, n. 46, 2026. [www.revel.inf.br].

Resenha de *The Origins of Language: an introduction to evolutionary linguistics*, de Joanna Dornbierer-Stuart

Review of The Origins of Language: an introduction to evolutionary linguistics, by Joanna Dornbierer-Stuart

João Victor Schroeder Kuhn¹

joaovskuhn@gmail.com

1. Descrição da obra

The Origins of Language: an introduction to evolutionary linguistics, de Joanna Dornbierer-Stuart foi publicado em 2024 pela editora Palgrave Macmillan². Trata-se de uma introdução acessível ao tema da origem evolutiva da linguagem. O texto é marcado por um caráter que se poderia justamente denominar de dialético ou contrastivo, em que a um fio expositivo central aderem reiteradamente ilustrações de posições opostas a respeito de cada tema. “Pelo meio” dessas sucessivas oposições, a autora empenha-se em construir uma posição própria, ora conciliatória entre teorias oponentes, ora adepta de um ou outro lado, embora mesmo nesses casos de adesão se faça sentir a todo momento a interpretação qualificada e a contribuição – de formulação e de substância – da própria autora.

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² A resenha é baseada na edição *e-book*.

A obra divide-se em dez capítulos. No primeiro, o fio expositivo central é introduzir a disciplina da linguística evolutiva, com passagem por algumas das teorias do passado que ajudam a constituir a disciplina, entre as quais destaca-se a de Charles Darwin, e com um breve olhar para algumas das fontes das quais são extraídas as evidências no campo. O contraste teórico principal do capítulo é o que opõe os “culturalistas” aos “biologistas”, e, como uma subdivisão dentro dessa segunda escola, os “saltacionistas” aos “adaptacionistas”. Em síntese, os “culturalistas” enfatizam o efeito da cultura na evolução da linguagem; os “biologistas”, por outro lado, encaram a evolução da língua como produto da evolução biológica. Dentre os “biologistas”, os “saltacionistas” sustentam que há um passo biológico súbito que leva da não-língua para a língua; os “adaptacionistas”, que há sucessivos estágios que constroem paulatinamente o arcabouço biológico da linguagem humana.

O segundo capítulo encarrega-se de expandir o que vem brevemente explicado no capítulo 1 sob a rubrica de “linguística sincrônica”. Entram aqui exposições dos níveis que perfazem o que a autora chama de *design* da linguagem: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. É introduzida a oposição entre o estruturalismo e o funcionalismo, sendo expressamente adotado um viés estruturalista para a exposição deste capítulo 2, postergando-se o detalhamento de contribuições funcionalistas para o capítulo subsequente.

O terceiro capítulo, portanto, devota-se às funções da linguagem, ou, na terminologia da autora, o “propósito da linguagem”. Organizam a discussão cinco funções divisadas pelo linguista britânico Geoffrey Leech, a saber, as funções expressiva, diretiva, social, informacional e estética. O norte especificamente evolutivo é o debate a respeito de qual das cinco funções (se alguma delas) é evolutivamente primária. Nessa linha, a autora tematiza teorias como a “teoria bow-wow”, que propõe que as primeiras palavras provêm da imitação expressiva dos sons de animais, ou a “teoria largando-o-bebê” (*Putting-down-the-baby*), que propõe que, dado o baixo grau de desenvolvimento com o qual os bebês humanos nascem, a ponto de torná-los incapazes de se agarrar adequadamente, as mães se viram forçadas a largar seus filhos no chão e, com isso, a fazer uso da linguagem em sua função social para manter contato de médio alcance com os bebês largados.

Encerrada a teorização sobre o sistema linguístico e seus propósitos nos capítulos dois e três, o quarto capítulo passa a olhar para as condições ambientais e biológicas que possibilitam ou moldam a evolução da linguagem. A ênfase aqui é de traçar cadeias de causação possível entre eventos evolutivos gerais – por exemplo, a descida da laringe, ou o estreitamento dos quadris – e “mapeamentos” linguísticos desses eventos – por exemplo, a agilidade articulatória a partir da descida da laringe, ou a maior demanda por laços sociais a partir dos partos precoces causados pelo estreitamento dos quadris. Desse tipo de conexão, talvez a mais interessante seja aquela formulada na página 56, onde é proposta uma espécie de circuito no qual a sofisticação da linguagem conduz a um crescimento prodigioso na quantidade de informação armazenada e em circulação, o que por sua vez dá suporte à complexificação cultural que constrói um ambiente para novos desenvolvimentos de língua.

O quinto capítulo trata exatamente desse segundo momento do circuito anunciado no final do capítulo anterior, isto é, trata dos condicionamentos sociais e culturais na evolução da linguagem humana. O próprio circuito recebe um tratamento mais sofisticado com a apresentação da teoria de co-evolução gene-cultura, avançada pelo antropólogo Terrence Deacon. De acordo com Deacon, a complexificação cultural a partir da linguagem construiria um “nicho simbólico”, que surtiria pressão evolutiva por características caras à linguagem, como imitação, sistemas complexos de memória e controle vocal superior. Apesar de ganhar força, a partir desse capítulo, a discussão de teorias de ponta em linguística evolutiva, segue valendo a vocação introdutória ou propedêutica da obra, sendo reservado espaço para conceituações tão básicas quanto importantes, como as de “difusão cultural” (espalhamento pela comunidade), “transmissão cultural” (transmissão de geração para geração) e “evolução cultural” (mudanças a partir da transmissão).

O sexto capítulo debate a relação entre mudança linguística e evolução linguística. Principia por opor duas escolas sobre o ponto: uma, representada por Noam Chomsky e Robert Berwick, propõe que a mudança é “superficial” em relação às características da linguagem que efetivamente a definem como tal no curso da evolução; a outra, articulada por Bernd Heine e Tania Kuteva, pressupõe que não há diferença de qualidade, mas no máximo de quantidade, entre a mudança observada

em escala histórica – do tipo que, por exemplo, leva do latim ao português – e a mudança em escala geológica que teria levado da não-linguagem para a linguagem. O restante do capítulo, presumidamente no intuito de possibilitar ao leitor a tomada de posição na controvérsia, entrega-se a introduzir conceitos importantes no estudo da mudança linguística em seus contatos com a descrição gramatical sincrônica e com o estudo da variação. A própria autora dá sugestões de que adere à ideia de continuidade entre evolução e mudança, mas não formula explicitamente uma opinião sua a respeito.

O sétimo capítulo representa uma guinada cognitivizante nos rumos da exposição, que passa a olhar para os temas do processamento e produção de fala. O intuito é de produzir alguma compreensão sobre os mecanismos cognitivos subjacentes à linguagem, de modo que o exame da evolução desses mecanismos (por exemplo, pela comparação com mecanismos análogos em animais não-humanos) possa fornecer respostas sobre a evolução da linguagem que depende deles. Como de praxe, uma parte importante do material é voltada à tematização de controvérsias. Aqui figura importantemente a que coloca os “sequencialistas”, defensores de processamento e produção organizados como processos dotados de uma estrutura ordinal, com um passo se sucedendo ao outro, opostos aos distributivistas ou “paralelistas”³, que propõem a distribuição do processamento e da produção em diversas áreas da mente ou do cérebro, com funcionamento simultâneo.

O oitavo capítulo estuda a aquisição da linguagem, aplicada a lógica de traçar possíveis paralelos entre a filogenia (evolução da linguagem na humanidade) e a ontogenia (surgimento da linguagem no indivíduo humano). Por toda a argumentação se faz sentir a marca do debate entre os linguistas que entendem que a aquisição se faz por mecanismos gerais de aprendizagem e os que entendem que a aquisição se processa sobre uma base estrutural inata. Esse debate passa a ser o foco na segunda metade do capítulo, sendo apresentados argumentos contra a base estrutural inata e a favor dela. No primeiro grupo, pode-se mencionar o argumento a partir do que a autora chama de “erros inconsistentes”, isto é, casos em que as crianças em fase de aquisição ora erram, ora acertam uma mesma forma, por

³ As designações “sequencialistas” e “paralelistas” são minhas. A autora mesma fala em processamento sequencial, paralelo e distribuído, mas não usa esses termos para se referir aos proponentes das respectivas teorias.

exemplo “*what does he want?*” vs. “*why he can’t come?*”; no grupo dos argumentos favoráveis à base estrutural inata, podemos mencionar o da aparente fixação de valor paramétrico na ordenação consistente de núcleos à esquerda dos complementos em crianças falantes de inglês no chamado “estágio de duas palavras”, de modo que são consistentes produções como “*open box*” ou “*in there*”, e inexistentes as alternativas “*box open*” ou “*there in*”.

Aproveitando a base conceitual dos dois capítulos precedentes, o nono capítulo do livro olha para sistemas cognitivos e processos de aquisição em animais não-humanos, buscando paralelos e divergências. A primeira inspiração teórica provém das características identificadas por Charles Hockett no texto *The origins of speech*, 1960, entre as quais contam-se algumas compartilhadas entre humanos e outros primatas (por exemplo, a arbitrariedade) e outras exclusivamente humanas (por exemplo, a transmissão cultural). A autora, municiada de referências mais recentes, tensiona o elenco de Hockett, observando fenômenos como a transmissão cultural no canto de certos pássaros e a estrutura combinatória nos chamados de chimpanzés, os quais são trazidos para ilustração de conceitos como os de evolução divergente, evolução convergente e herança compartilhada.

O décimo e último capítulo da obra resume os capítulos precedentes, mas também fornece elaboração adicional a vários dos conceitos debatidos até aqui. Ao final, a autora enuncia sinteticamente uma posição geral sua sobre a evolução da linguagem. Toda a discussão precedente do livro pode ser produtivamente lida como embasamento e contextualização para essa derradeira síntese, razão pela qual entendo pertinente reproduzi-la na íntegra, em tradução minha:

Creio ter montado uma defesa convincente a favor de a linguagem ser um sistema adaptativo complexo moldado por múltiplos processos ocorrendo ao longo de escalas de tempo amplamente diversas, incluindo o acúmulo de pré-adaptações genéticas, a coevolução dessas pré-adaptações, a emergência da estrutura linguística e a seleção de capacidades motoras e vieses de aprendizado que habilitaram os humanos a ter excelência na aquisição e uso de linguagem. Adicionalmente, a mudança linguística que surge em resposta a várias pressões internas e externas desempenha um papel crucial nesse sistema adaptativo complexo. No início do século vinte e um, teorias de evolução da linguagem ainda confrontavam a tensão entre as perspectivas internalista (biológica) e externalista (cultural). Contudo, desde então, a interação entre a evolução biológica da capacidade mental para linguagem e a evolução cultural da linguagem ainda corrente tornou-se uma área de pesquisa animadora. A modelagem computacional provou ter valor inestimável em tais esforços, ajudando a elucidar a vasta interconectividade

de genes, cultura e ambiente, e lançando luz sobre as dinâmicas intrincadas que conduzem a evolução e desenvolvimento da linguagem (Dornbierer-Stuart 2024: 152)⁴

Encerrado o rápido percurso pelos dez capítulos, convém ainda contemplar nesta parte descritiva da resenha os paratextos da obra. Além da extensa bibliografia, de mais de 150 itens, que figura tanto em um rol unificado ao final do livro quanto localizadamente no término dos capítulos em que os textos são citados, e do índice unificado de pessoas e assuntos tratados, chama especial atenção o rico glossário de termos importantes na linguística evolutiva e na linguística em geral. As entradas incluem conceitos-chave como “transmissão cultural” e “gramática universal” e são introduzidas ao longo dos capítulos, com destaque em negrito e definições em caixas separadas do corpo do texto; o glossário ao final consiste na listagem de todas essas definições.

2. Breve crítica

Esta segunda parte dedica-se a opor ligeiras ressalvas de forma e fundo sobre a obra. É preciso destacar que não se trata de apontar defeitos graves, mas apenas de levantar pontuais nexos de revisão ou discussão, que, muito antes de comprometer a qualidade geral do livro, a certificam e garantem. Serão quatro apontamentos, os três primeiros essencialmente formais, o último compreendendo duas objeções formais e uma substancial.

Em primeiro lugar, na página 66, capítulo 5, no ponto em que é levantado o tema da seleção cultural, é citado um artigo da Wikipedia para apoio da discussão. Não considero que isso seja inerentemente um problema, mas no caso específico o

⁴ No original: “I believe I have made a compelling case for language being a complex adaptive system shaped by multiple processes occurring over widely diverse timescales, including the accumulation of genetic pre-adaptations, the co-evolution of these pre-adaptations, the emergence of linguistic structure and the selection of motor capacities and learning biases that have enabled humans to excel in language acquisition and use. In addition, language change arising in response to various internal and external pressures plays a crucial role in this complex adaptive system. At the beginning of the twenty-first century, theories of language evolution still grappled with the tension between the internalist (biological) and externalist (cultural) perspectives. However, since then, the interaction between the biological evolution of the mental capacity for language and the ongoing cultural evolution of language has become an exciting area of research. Computer modelling has proven invaluable in such efforts, helping to elucidate the vast interconnectedness of genes, culture and environment, and shedding light on the intricate dynamics that drive the evolution and development of language”.

artigo citado⁵ tem na data em que escrevo diversos problemas indicados pelo próprio sistema de controle do site: estilo demasiadamente pessoal, uso de uma única fonte, falta de menção do referencial no corpo do texto e necessidade de fontes adicionais para verificação. A sugestão seria referenciar diretamente algum dos poucos textos que principalmente embasam a entrada da Wikipedia, por exemplo, *Reconsidering cultural selection theory*, de G. K. D. Crozier (Crozier 2008).

O segundo apontamento diz respeito ao posicionamento da revisão do capítulo 6 no capítulo 10. Este último capítulo do livro, como já referido, inicia com uma revisão sumária dos oito primeiros, organizada entre as páginas 137 e 140. Ocorre que há um salto do capítulo 5, resumido na página 138, para o capítulo 7, resumido na página 139. O resumo do capítulo 6 figura somente muito posteriormente, na página 147, após uma discussão extensa que inclui amplo material “novo”, não contemplado na exposição dos capítulos 1 a 9. Se, por um lado, há argumentos a favor de posicionar o resumo do capítulo 6 onde ele está – permitindo, por exemplo, o encaminhamento do argumento a partir da oposição de Mendívil-Giró à ideia da gramaticalização como mecanismo evolutivo⁶ – por outro lado sustento que provavelmente seria melhor realocá-lo para junto dos demais resumos, de modo a manter no capítulo final uma divisão clara entre uma parte sintetizante e outra parte que aproveita os conceitos retomados para conduzir à proposta final do modelo da própria autora para a evolução da linguagem. Essa recolocação privilegiaria o aspecto didático da exposição, que considero ser preferencial em uma obra introdutória, como é a resenhada.

O terceiro reparo diz respeito ao glossário. A maior parte dos termos são introduzidos contextualmente no texto com o recurso já descrito do destaque em negrito seguido da definição em uma caixa separada do texto. Alguns poucos, no entanto, não têm essa introdução contextual implícita, por exemplo os termos “*Australopithecus*” e “*Language faculty*” (embora haja contextualização adequada para o termo “*Faculty of language*”). Entendo que o ideal seria uniformizar o procedimento, inclusive com a sugestão de incluir no glossário a página do texto em

⁵ Trata-se da entrada “*Cultural selection theory*”, disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Cultural%5Fselection%5Ftheory>.

⁶ Nesta resenha não dei nem darei destaque à importância central da teoria de Mendívil-Giró para a posição da própria Dornbierer-Stuart a respeito da evolução da linguagem. Isso porque já há outra resenha, escrita por Norbert Francis, que trata disso (Francis 2024).

que o termo é contextualizado. O índice ao final contribui para aliviar a questão, mas não a resolve a contento pois: (i) a primeira referência de cada termo no índice não é necessariamente o contexto em que é feita a introdução da entrada do glossário, como se observa no termo “analysis”, cuja primeira entrada no índice remete a um contexto da p. 16 em que o termo é usado sem a carga conceitual pressuposta na entrada do glossário; (ii) há pelo menos uma entrada do glossário (“Hominini”) que não tem entrada correspondente no índice.

Por fim, o quarto reparo refere-se à introdução de uma comparação com Aristóteles na página 103. Ali é dito que a teoria de Aristóteles para a linguagem humana apoia-se centralmente na divisão entre sujeito e predicado, que essa divisão é próxima daquela feita nos primeiros níveis da árvore de estrutura sintagmática, e que a concepção de Aristóteles se aproxima da moderna linguística cognitiva na medida em que ele, da mesma forma que esta, assumia um isomorfismo ou relação estreita entre a estrutura linguística e a nossa percepção do mundo.

A menção a Aristóteles tem alguns problemas. Primeiramente, o trecho inteiro não condiz organicamente com o tema da seção em que se insere, que trata da gramática simples observada na fala de crianças entre 20 e 30 meses de idade, durante a aquisição. Além disso, a autora não traz referências bibliográficas para sustentar a ousada comparação com a linguística cognitiva contemporânea. Por fim, mesmo a atribuição a Aristóteles de uma divisão entre sujeito e predicado como a da sintaxe contemporânea é equivocada: a divisão em Aristóteles é antes de tudo semântica, de tal forma que talvez os pretensos “sujeito” e “predicado” de Aristóteles correspondam mais de perto aos conceitos de *tópico* e *comentário* que propriamente ao sujeito e predicado da sintaxe tradicional, ou menos ainda ao SN e SV da sintaxe gerativa⁷.

A objeção aqui é de fundo porque sua correção necessitaria de um desdobramento maior do argumento, além de provavelmente envolver reposicionamento do tema em outro local do livro, por exemplo no capítulo 2, que trata dos níveis de análise linguística sob um ponto de vista estrutural, conforme

⁷ Nesse sentido, Seuren 2006.

qualificação da própria autora⁸. Haveria a alternativa de suprimir o ponto, visto que não é central para a explicação, mas considero pertinente a ligação entre teorias modernas e suas contrapartes históricas, desde que realizada com a devida protração e embasamento.

Finalizo esta que chamei de “parte crítica” avaliando que o livro *The origins of language: an introduction to evolutionary linguistics*, de Joanna Dornbierer-Stuart, é excelente não apenas para introduzir à linguística evolutiva, mas também para dar ao leitor noções básicas da linguística em geral; não apenas para trazer novos pesquisadores ao campo, mas também para robustecer ou refrescar o entendimento de pesquisadores antigos. Confio em que essas qualidades tenham conseguido transparecer até mesmo no espaço breve e necessariamente distorcido desta resenha. Onde não tiverem transparecido, a responsabilidade é do resenhador; onde tiverem, o mérito é do material original.

Referências

CROZIER, G. K. D. Reconsidering cultural selection theory. In: *The British Journal for the Philosophy of Science*, v. 59, n. 3, p. 1-25, sept. 2008. doi: <https://doi.org/10.1093/bjps/axn018>

CULTURAL Selection Theory. In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Cultural%5Fselection%5Ftheory>. Acesso em: 18 fev. 2025.

DORNBIERER-STUART, J. *The Origins of Language: An Introduction to Evolutionary Linguistics*. New York: Palgrave Macmillan, 2024.

DORNBIERER-STUART, J. *The Origins of Language: An Introduction to Evolutionary Linguistics*. New York: Palgrave Macmillan, 2024. Resenha de: FRANCIS, Norbert. In: *Verbum*. v. 15. 2024. p. 1-5. doi: <https://doi.org/10.15388/Verb.15.08>.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Volume 1. Edição Revisada. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

⁸ Incidentalmente, há na literatura aproximações entre a teoria linguística de Aristóteles e o estruturalismo (por exemplo, em Givón, 2001: 4) o que, além de recomendar o deslocamento dessa discussão para o capítulo 2, também gera tensão com a comparação entre o filósofo grego e a linguística cognitiva.

SEUREN, P. A. M. Aristotle and linguistics. *In*: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of language and linguistics*. 2^a Edição. Oxford: Elsevier, 2006. p. 469-471.